

O Behaviorismo e os Behaviorismos

The Behaviorism and the Behaviorisms

El Conductismo y los Conductismos

Bruno Angelo Strapasson¹

[1] Universidade federal do Paraná | **Título abreviado:** O Behaviorismo e os Behaviorismos | **Endereço para correspondência:** | **Email:** brunoastr@gmail.com | doi: 10.18761/PAC.2020.v11.n1.04

Resumo: A série de livros intitulada “Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais” trata, em seu conjunto, da multiplicidade e diversidade do movimento behaviorista e subsidia a importante discussão sobre o que caracterizaria o behaviorismo. Ao apresentar precursores do movimento, adeptos do behaviorismo clássico, neobehavioristas mais conhecidos e um conjunto interessantes de variações contemporâneas do behaviorismo, a série fomenta uma compreensão mais ampla e acurada desse movimento que impacta a psicologia e demais ciências comportamentais há mais de um século.

Palavras-chave: Behaviorismo; movimento behaviorista; história do behaviorismo

Abstract: The book series entitled “Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais” (not translated to English) deals, as a whole, with the multiplicity and diversity of the behaviorist movement and supports the important discussion about what characterizes Behaviorism. Featuring precursors of the movement, adherents of classical behaviorism, well-known neobehaviorists, and an interesting set of contemporary variations of Behaviorism, the series fosters a broader and more accurate understanding of this movement that has impacted psychology and other behavioral sciences for over a century.

Keywords: behaviorism; behaviorist movement; history of behaviorism

Resumen: La serie de libros titulada “Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais” (sin traducción al español) trata, en su conjunto, con la multiplicidad y diversidad del movimiento conductista y apoya la discusión importante sobre lo que caracteriza el conductismo. Con precursores del movimiento, adherentes al conductismo clásico, conocidos neoconductistas y un interesante conjunto de variaciones contemporâneas del conductismo, la serie fomenta una comprensión más amplia y precisa de este movimiento que ha impactado la psicología y otras ciencias del comportamiento durante más de un siglo.

Palabras clave: conductismo; movimiento conductista; historia del conductismo

A série de livros *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais*, editada por Kester Carrara e Diego Zilio e publicada em três volumes (2016, 2017, 2019) pela editora Paradigma, levanta uma das questões mais básicas e inescapáveis quando se pensa no movimento behaviorista: o que é o behaviorismo?

O behaviorismo é certamente um dos movimentos mais influentes na história da psicologia ocidental. Independente das diferentes interpretações disponíveis a respeito de qual foi sua evolução (continuidade ou oposição entre suas variações?), de qual é seu legado (retardou o desenvolvimento de psicologias contemporâneas, como a psicologia cognitiva, ou estabeleceu as bases da psicologia científica?) e de qual papel esse movimento exerce hoje (morreu e é ultrapassado ou está vivo e forte?), é inegável que ele ocupou posição central na psicologia ocidental, em especial na primeira metade do século XX. O behaviorismo clássico de John B. Watson, por exemplo, foi debatido por praticamente todos os teóricos que marcaram época na psicologia do século passado no ocidente, seja como objeto de crítica (e.g., Calkins, 1913; Freud, 1925/1996; Köhler, 1947; Merleau-Ponty, 1947/2006; Miller, 2003; Titchener, 1914), seja como inspirador de diferentes proposições teóricas e filosóficas que se intitularam ou foram rotuladas como behavioristas. A referida série de livros organizada por Carrara e Zilio apresenta um número expressivo de exemplos desse último caso. Ainda que seja questionável defender que o behaviorismo se tornou o paradigma dominante na ciência psicológica após o seu surgimento¹, é difícil negar que ele foi uma peça central no desenvolvimento da psicologia tal como a conhecemos hoje.

A coleção *Behaviorismos* surge como uma coletânea de textos de eminentes especialistas na área. Tais autores fazem apresentações conceituais de diferentes proposições que se intitularam behavioristas, foram considerados behavioristas ou que exerceram papel importante como precursores do movimento behaviorista. O primeiro volume do livro inicia com um capítulo sobre B. F. Skinner, o

behaviorista mais influente na psicologia contemporânea, e regressa no tempo para, posteriormente, seguir uma organização aproximadamente cronológica da apresentação das propostas psicológicas de Ivan M. Sechenov, Ian P. Pavlov, Jacques Loeb, Edward L. Thorndike, John B. Watson, Albert P. Weiss, George H. Mead, Edwin R Guthrie, Keneth W. Spense e Jacob R. Kantor. O segundo volume retoma um precursor do behaviorismo não incluído no volume anterior, Vladmir Bekhterev, e continua com outras versões de behaviorismo como as de Max Meyer, Henri Piéron, Clark L. Hull, Edward C. Tolman, Zing-Yang Kuo, Fred S. Keller, Sidney W. Bijou, Willian, N. Schoenfeld e Charles B. Ferster. O terceiro volume mais uma vez inicia com um precursor: Stanley S. Stevens. O livro continua com a apresentação das propostas de Israel Goldiamond, Nathan H. Azrin, Murray Sidman, Steven C. Hayes, William M. Baum, Gordon, R. Foxal, John Staddon, Howard Rachlin, Emilio Ribes-Iñesta e John W. Donahoe.

Mesmo para quem não conhece ou nunca ouviu falar desses autores, a simples nomeação deles já dá uma noção da multiplicidade desse movimento. Se tantos autores podem ser apresentados como membros relevantes do movimento behaviorista e se suas proposições teóricas são consideradas suficientemente diferentes para serem apresentadas em capítulos independentes, como diferentes formas de behaviorismo, parece claro que o movimento behaviorista não deve ser tratado como coeso ou unitário. Trata-se da discussão dos behaviorismos, com ênfase no “s” ao final, e o título da coleção de textos ora em análise não poderia ser mais acertado nesse quesito.

Os três volumes de *Behaviorismos: reflexões históricas e conceituais* constituem contribuição significativa em diferentes dimensões. Do ponto de vista didático a coleção é uma peça fundamental. Há vasta literatura que demonstra que as incompreensões em relação aos behaviorismos são amplas e, em geral, mal fundamentadas (e.g., Carrara, 2005; Todd, 1994). Na maioria dos casos, o problema dessas críticas não é que elas são falsas, mas que elas são endereçadas ao movimento behaviorista como um todo, quando poderiam ser aplicáveis a apenas uma ou outra forma específica de behaviorismo. As diferenças marcantes entre as variadas formas de

1 Não necessariamente porque ele foi pouco influente ou disseminado, mas porque nenhuma teoria em psicologia chegou a atender os critérios de paradigma, ao menos não no sentido estabelecido por Thomas Kuhn (Carone, 2003).

behaviorismo tornam a atribuição de praticamente qualquer característica ou crítica ao movimento como um todo uma incorreção ingênua ou intelectualmente desonesta. Identificar que rótulos como reducionista, mecanicista, positivista, ou outros do tipo, são aplicáveis a apenas algumas formas específicas de behaviorismo, é uma das grandes contribuições que a leitura dessa coleção pode trazer para o estudante de psicologia. Estar atento à diversidade das propostas behavioristas e às implicações dessa diversidade é essencial tanto para o simpatizante quanto para o crítico.

A organização dos livros é também bastante interessante. A expertise do grupo de autores que participou da redação dos capítulos é um dos pontos positivos dessa organização. No caso das versões mais recentes de behaviorismo, na maioria dos casos, foram os próprios proponentes/exponentes dessas variedades de behaviorismo que redigiram os respectivos capítulos (e.g., o capítulo sobre Behaviorismo Teleológico foi escrito por Rachlin, e o capítulo sobre Ciência Comportamental Contextual escrito por S. Hayes). Nos demais casos, especialistas nacionais e estrangeiros, que estudaram profundamente as proposições sobre as quais escreveram, foram os autores convidados a redigir os respectivos capítulos. O segundo ponto positivo é que, ainda que os capítulos variem em estrutura, todos de alguma forma contextualizam historicamente as propostas apresentadas e discutem aspectos conceituais relevantes, justificando a inclusão do subtítulo “reflexões históricas e conceituais” e estabelecendo certa coesão ao longo da obra. Em terceiro lugar, pode-se mencionar a escolha das versões apresentadas de behaviorismos ou de seus precursores. Ainda que o behaviorismo seja um movimento eminentemente estadunidense, a discussão de precursores russos e a menção a variedades com influência europeia (e.g., Pierón, Foxal), asiática (Kuo) e latina (Ribes-Iñesta) engrandece a discussão sobre esse movimento de modo nunca antes explorado em projeto semelhante.

Algumas poucas características na elaboração da coleção podem ser indicadas como aspectos que poderiam ser aprimorados. Os organizadores não conseguiram estruturar os livros em uma ordem cronológica consistente ou conforme algum agrupamento temático ou conceitual ao longo da cole-

ção. Essas características podem ser identificadas quando se compara os diferentes volumes entre si, mas são presentes também quando se analisa a sequência de capítulos de cada volume. Desse modo, delegam aos leitores a tarefa de organizar as propostas apresentadas ao longo do tempo. O prefácio do primeiro volume destaca que “Behaviorismos é mais do que uma obra de filosofia ou de história de parte da Ciência Psicológica; trata-se de uma verdadeira árvore genealógica de pensamentos” (Banaco, 2016, p. 13). Se assim for considerada, e me parece plausível que seja, trata-se de uma árvore genealógica na qual as linhas que ligam as diferentes personagens estão pouco claras e exigem algum esforço por parte do leitor para identificá-las. Tal característica, contudo, não compromete de modo significativo a qualidade da obra, e parece compreensível quando se considera um projeto que durou pelo menos quatro anos, envolveu mais de quarenta autores de diferentes países, preencheu quase mil páginas e precisou ser dividido em três volumes.

O debate sobre quais e quantas são as diferentes formas de behaviorismo acompanha o desenvolvimento desse movimento desde o início de sua história. Poucos anos após a proposição original de Watson (1913) as perguntas referentes ao que caracteriza o behaviorismo e a quais são os diferentes tipos de behaviorismo já vinham sendo debatidas. Hunter (1922), por exemplo, em resposta a uma série de debates a respeito dos problemas dos behaviorismos na literatura estadunidense, defende que havia apenas dois behavioristas verdadeiros nos Estados Unidos da América: John B. Watson e Albert P. Weiss. Os demais teóricos envolvidos no debate não eram, segundo os critérios de Hunter, membros legítimos dessa proposição. A. A. Roback, um crítico ferrenho do Behaviorismo, foi um dos primeiros a tentar criar uma tipologia de behaviorismos. Ainda no início da década de 1920, esse autor propõe quatro grandes classes de behaviorismos que poderiam ser subdivididos, formando dezesseis diferentes tipos de behaviorismo mais cinco formas de pré-behaviorismos (Roback, 1923). Uma alternativa mais tardia de avaliação da multiplicidade e unidade do movimento behaviorista é o livro de Zuriff (1985), no qual ele propõe oito critérios que poderiam congregiar as diferentes formas de behaviorismo. Tais critérios, entre-

tanto, não caberiam a muitas das variedades atuais de behaviorismo (O'Donohue & Kitchener, 1999a) e, ainda assim, elas se consolidaram com esse rótulo. A coleção *Behaviorismos*, mesmo que não se proponha a criar um critério classificador que possa separar o que é behaviorismo do que não é, ao apresentar vinte e duas variações de behaviorismo psicológico, mais alguns de seus precursores, avança nesse debate. Sem dar uma resposta definitiva à pergunta “o que caracteriza o behaviorismo?”, os organizadores implicitamente conclamam os leitores a criar sua própria resposta. Nesse sentido, a coleção é um incentivo à reflexão a respeito dessa que é uma das questões mais fundamentais para se entender o movimento behaviorista nas suas diferentes dimensões.

A tentativa de criar uma coletânea de textos que apresentam a variedade de behaviorismos que se pode encontrar ao longo dos séculos XX e XXI não é exclusiva ou pioneira nessa coleção de livros. O conhecido *Handbook of Behaviorism*, editado por O'Donohue e Kitchener (1999b) é uma proposta similar. Entretanto, a seleção das versões de behaviorismo estabelece diferenças relevantes entre as propostas do *Behaviorismos* e do *Handbook*. No *Handbook* são apresentadas catorze diferentes variedades. Além de formas de behaviorismo que foram posteriormente apresentadas na obra em análise nesta resenha (Watson, Kantor, Tolman, Hull, Skinner, Bijou, Rachlin, Staddon e Hayes), O'Donohue e Kitchener incluem o Behaviorismo Biológico de William Timberlake e, principalmente, representantes de vertentes filosóficas de behaviorismo, como as propostas de Ludwig Wittgenstein, Gilbert Ryle, Richard F. Kitchener, Willard van O. Quine. As vertentes filosóficas não são contempladas na coleção *Behaviorismos*, que se mantém nas propostas psicológicas desse movimento. Por outro lado, Zilio e Carrara, além de ampliar a quantidade de proposições behavioristas incluídas em sua coleção em relação àquelas apresentadas no *Handbook* (são vinte e duas as variedades psicológicas de behaviorismos na coleção, doze a mais do que o *Handbook*), incorporam precursores relevantes para o desenvolvimento do movimento behaviorista. A coleção *Behaviorismos*, portanto, é única na abrangência de todas as fases das versões psicológicas de behaviorismo, incluindo desde seus

precursores na fisiologia e psicologia (Sechenov, Bekhterev, Loeb, Pavlov, Stevens e Thorndike), passando pelos representantes do behaviorismo clássico (Watson e Weiss) e por aqueles denominados neobehavioristas (Mead, Guthrie, Spence, Kantor, Meyer, Hull, Tolman, Skinner, Kuo e Pierón), até as formas mais atuais e contemporâneas de behaviorismo (Goldiamond, Schoenfeld, Fester, Arzin, Ribes-Iñesta, Staddon, Rachlin, Donahoe, Sidman, Hayes). Não pretendo com essa indicação defender uma classificação de grupos de behaviorismos, pois qualquer classificação nesse sentido seria controversa. Uso os rótulos anteriores apenas para ilustrar a amplitude temporal da coleção, o que ressalta seu valor tanto para a compreensão da história do behaviorismo quanto de suas variações recentes.

A coleção mostra, no seu conjunto, que o behaviorismo é um movimento múltiplo, dinâmico e em constante evolução. Trata-se de uma literatura inigualável no Brasil e no mundo. Tanto o leitor afeito ao behaviorismo como aquele preocupado em fazer críticas fundamentadas a esse movimento serão beneficiados ao ler essa obra. Talvez as confusões mais comuns na compreensão do behaviorismo possam ser mitigadas se os interessados nesse movimento compreenderem melhor a multiplicidade e dinâmica do movimento behaviorista. A leitura dessa coleção pode ser um passo decisivo nessa direção.

Referências

- Banaco, R. A. (2016). Prefácio. In D. Zilio & K. Carrara (Eds.), *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais. Vol I.* (pp. 11–14). São Paulo: Centro Paradigma de Ciências do Comportamento.
- Calkins, M. W. (1913). Psychology and the behaviorist. *Psychological Bulletin*, 10, 288–291. <https://doi.org/10.1037/h0066435>
- Carone, I. (2003). *A psicologia tem paradigmas?* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carrara, K. (2005). *Behaviorismo Radical: Crítica e metacrítica* (2nd ed.). São Paulo: Editora da UNESP.
- Freud, S. (1976). Um estudo autobiográfico. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (pp. 17–88). Rio de

- Janeiro: Imago. (Original publicado em 1925)
- Hunter, W. S. (1922). An open letter to the anti-Behaviorists. *The Journal of Philosophy*, 19(11), 307–308.
- Köhler, W. (1947). *Gestalt psychology: An introduction to new concepts in modern psychology*. New York: Liveright Publishing Company.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1947)
- Miller, G. A. (2003). The cognitive revolution: A historical perspective. *Trends in Cognitive Sciences*, 7(3), 141–144. [https://doi.org/10.1016/S1364-6613\(03\)00029-9](https://doi.org/10.1016/S1364-6613(03)00029-9)
- O'Donohue, W., & Kitchener, R. (1999a). The Behaviorisms. In W. O'Donohue & R. F. Kitchener (Eds.), *Handbook of behaviorism* (pp. 1–13). San Diego: Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-012524190-8/50002-4>
- O'Donohue, W., & Kitchener, R. F. (1999b). *Handbook of behaviorism*. Cambridge: Academic Press.
- Roback, A. A. (1923). *Behaviorism and psychology*. Concord: The Rumford Press.
- Titchener, E. B. (1914). On “Psychology as the behaviorist views it.” *Proceedings of the American Philosophical Society*, 53(213), 1–17. <http://www.jstor.org/stable/984126>
- Todd, J. T. (1994). What psychology has to say about John B. Watson: Classical behaviorism in psychology textbooks, 1920-1989. In J. T. Todd & J. Morris (Eds.), *Modern perspectives on John B. Watson and classical behaviorism* (pp. 76–107). Westport: Greenwood Press.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20(2), 158–177. <https://doi.org/10.1037/h0074428>
- Zilio, D., & Carrara, K. (Eds.). (2016). *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais. Vol I*. São Paulo: Centro Paradigma de Ciências do Comportamento.
- Zilio, D., & Carrara, K. (Eds.). (2017). *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais. Vol II*. São Paulo: Centro Paradigma de Ciências do Comportamento.
- Zilio, D., & Carrara, K. (Eds.). (2019). *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais. Vol III*. São Paulo: Centro Paradigma de Ciências do Comportamento.
- Zuriff, G. E. (1985). *Behaviorism: A conceptual reconstruction*. New York: Colum.

Informações do Artigo

Histórico do artigo:

Submetido em: 07/01/2020

Aceito em: 30/07/2020

Editor associado: Carlos Eduardo Lopes